



BODAS DE SANGUE

FREDERICO GARCIA LORCA

PERSONAGENS

A MÃE
A NOIVA
A SOGRA
A MULHER DE LEONARDO
A CRIADA
A VIZINHA
MOÇAS
[MENINA]
LEONARDO
O NOIVO
O PAI DA NOIVA
A LUA
A MORTE (como mendiga)
LENHADORES
MOÇOS

PRIMEIRO ATO

QUADRO 1

(CASA PINTADA DE AMARELO)

NOIVO (entrando)

— Mãe.

MÃE

— Quê?

NOIVO

— Já vou.

MÃE

— Aonde?

NOIVO

— Para a vinha. (Vai sair.)

MÃE

— Espere.

NOIVO

— Quer alguma coisa?

MÃE

— Filho, o almoço.

NOIVO

— Deixe. Vou comer uvas. Me dê a navalha.

MÃE

— Para quê?

NOIVO (rindo)

— Para cortá-las.

MÃE (entre dentes e procurando-a)

— A navalha, a navalha... Malditas sejam todas as navalhas, e o canalha que as inventou.

NOIVO

— Vamos mudar de assunto.

MÃE

— E as espingardas e as pistolas, e a menorzinha das facas, e até as enxadas e os ancinhos do roçado.

NOIVO

— Bom.

MÃE

— Tudo o que pode cortar o corpo de um homem. Um homem bonito, com sua flor na boca, que vai para as vinhas ou para os olivais que tem, porque são dele, herdados.

NOIVO (baixando a cabeça)

— Chega, mãe.

MÃE

— ... e esse homem não volta. Ou, se volta, é só para que a gente lhe ponha uma palma por cima, ou um prato de sal grosso, para não inchar. Não sei como você se atreve a levar uma navalha no corpo, nem sei como ainda deixo essa serpente dentro do baú.

NOIVO

— Já não chega?

MÃE

— Nem que eu vivesse cem anos, não falaria de outra coisa. Primeiro seu pai, que cheirava a cravo; e 50 o tive por três anos, tão curtos. Depois, seu irmão. E é justo? E é possível que uma coisa tão pequena como uma pistola ou uma navalha possa dar cabo de um homem, que é um touro? Não vou me calar nunca. Os meses passam e o desespero me perfura os olhos 2 pica até nas pontas do cabelo.

NOIVO (forte)

— Vamos parar?

MÃE

— Não. Não vamos parar. Alguém pode me trazer seu pai de volta? E seu irmão? E depois, o presídio. Mas o que é o presídio? Lá se come, lá se fuma, lá se toca música! Os meus mortos cobertos de grama, sem fala, viraram pó; dois homens que eram dois gerânios... Os assassinos, no presídio, folgados, olhando a paisagem...

NOIVO

— E o que você quer, que eu os mate?

MÃE

— Não.. Eu falo só porque... Como é que não vou falar, vendo você sair por essa porta? É que não gosto que você leve a navalha. E que. . . que não queria que você saísse para o campo.

NOIVO (rindo)

— Ora!

MÃE

— Como eu gostaria que você fosse mulher! Assim, não iria ao riacho, agora, e nós duas ficaríamos aqui bordando cortinas e cachorrinhos de lã.

NOIVO (pega a Mãe pelo braço e ri)

— Mãe, e se eu levasse você comigo para as vinhas?

MÃE

— Que é que uma velha vai fazer nas vinhas? Você ia me deixar debaixo das parreiras?

NOIVO (levantando-a nos braços)

— Velha, revelha, requitivelha!

MÃE

— Seu pai, sim, é que me levava. Boa casta. Sangue. Seu avô deixou um filho em cada esquina. Assim é que eu gosto. Os homens, homens; o trigo, trigo.

NOIVO

— E eu, mãe?

MÃE

— Você, o quê?

NOIVO

— Preciso dizer tudo de novo?

MÃE (séria)

— Ah!

NOIVO

— Você acha ruim?

MÃE

— Não.

NOIVO

— E então?...

MÃE

— Nem eu mesma sei. Assim, de repente, me assusta. Eu sei que a moça é boa. Não é mesmo? Comportada. Trabalhadeira. Amassa seu pão, costura os vestidos, e mesmo assim, quando falo nela, é como se me dessem uma pedrada na testa.

NOIVO

— Bobagem.

MÃE

— Bobagem, mesmo. E que eu vou ficar só. Agora já não tenho mais ninguém, só você, e me dói que vá embora.

NOIVO

— Mas você vem conosco.

MÃE

— Não. Não posso deixar seu pai e seu irmão aqui, sozinhos. Tenho que ir lá todas as manhãs, e se eu for embora pode ser que morra um dos Félix, um da família dos assassinos, e seja enterrado junto deles. E isso nunca! Não! Isso nunca! Porque eu o desenterro com as minhas próprias unhas, sozinha, e esmago na parede.

NOIVO (forte)

— Já começou de novo.

MÃE

— Desculpe. (Pausa.) Faz quanto tempo, esse namoro?

NOIVO

— Três anos. Já consegui comprar a vinha.

MÃE

— Três anos. Ela teve um noivo antes, não teve?

NOIVO

— Não sei. Acho que não. As moças têm que saber com quem se casam, olhar bem.

MÃE

— É. Eu não olhei para ninguém. Olhei para seu pai, e quando o mataram olhei para a parede em frente. Cada mulher com seu homem, e pronto.

NOIVO

— Você sabe que minha noiva é séria.

MÃE

— Não duvido. Mesmo assim, sinto não saber como foi a mãe dela.

NOIVO

— Para quê?

MÃE (olhando-o)

— Filho.

NOIVO

— Que é?

MÃE

— É verdade, sim! Você tem razão! Quando quer que eu vá pedir a moça?

NOIVO (alegre)

— Domingo, está bem?

MÃE

— Vou dar a ela os meus brincos de cobre, que são antigos, e você compra...

NOIVO

— Você entende mais disso..

MÃE

— Compre umas meias rendadas para ela, e para você dois ternos. . . Três! Eu só tenho você mesmo!

NOIVO

— Já vou indo. Amanhã passo lá para vê-la.

MÃE

— Isso, isso, e tomara que você me alegre com uns seis netos, ou mais, se tiver gana, que seu pai não teve tempo de me fazer outros filhos.

NOIVO

— O primeiro é para você.

MÃE

— Bom, mas que haja meninas. Pois eu quero bordar e fazer renda e ficar tranqüila.

NOIVO

— Tenho certeza de que vai gostar da minha noiva.

MÃE

— Vou gostar, sim. (Vai beijá-lo e reage.) Vá, você já está muito grande para beijos. Guarde os beijos para a sua mulher. (Pausa. A parte) Quando já for sua.

NOIVO

— Vou indo.

MÃE

— E cavem bem aquela parte junto do moinho, que anda meio descuidada..

NOIVO

— Pode deixar.

MÃE

— Vá com Deus. (O Noivo sai. A Mãe fica sentada de costas para a porta. Aparece na porta uma Vizinha vestida de escuro, com lenço na cabeça.) Entre.

VIZINHA

— Como vai?

MÃE

— Assim.

VIZINHA

— Fui até o armazém e passei para ver você. Vivemos tão longe!

MÃE

— Faz vinte anos que não subo até o alto da rua.

VIZINHA

— Você está bem.

MÃE

— Acha?

VIZINHA

— As coisas passam. Há dois dias trouxeram o filho da minha vizinha com os dois braços cortados pela máquina. (Senta-se.)

MÃE

— Rafael?

VIZINHA

— É. E lá está ele. Às vezes fico pensando que o seu filho e o meu estão melhor onde

estão, dormindo, descansando, e não expostos a ficar inúteis.

MÃE

— Fica quieta. Tudo isso são bobagens, não consolam ninguém.

VIZINHA

— Ai!

MÃE

— Ai! (Pausa.)

VIZINHA (triste)

— E seu filho?

MÃE

— Saiu.

VIZINHA

— Até que enfim, comprou a vinha!

MÃE

— Teve sorte.

VIZINHA

— Agora vai se casar.

MÃE (como que despertando e aproximando sua cadeira da Vizinha)

— Escute.

VIZINHA (em tom confidencial)

— Diga.

MÃE

— Você conhece a noiva de meu filho?

VIZINHA

— Boa moça!

MÃE

— É, mas...

VIZINHA

— Mas conhecer, mesmo, a fundo... ninguém conhece. Vive sozinha lá com o pai, tão longe, a dez léguas da casa mais próxima. Mas é boa. Acostumada à solidão.

MÃE

— E a mãe dela?

VIZINHA

— Essa, eu conheci. Bonita. Tinha uma cara que brilhava como a de um santo; mas nunca me agradou nem um pouco. Não gostava do marido.

MÃE (forte)

— Mas que gente para saber das coisas.

VIZINHA

— Perdão. Não queria ofender; mas a verdade é essa. Agora, se ela foi honesta ou não, ninguém sabe. Nunca se falou nisso. Ela era orgulhosa.

MÃE

— Sempre a mesma coisa!

VIZINHA

— Você é que me perguntou.

MÃE

— É que eu queria que ninguém conhecesse as duas, nem a viva e nem a morta. Que fossem como dois cactos, de que ninguém fala, e que espetam se for preciso.

VIZINHA

— Tem razão. Seu filho vale muito.

MÃE

— Vale. Por isso é que tomo cuidado. Me disseram que a moça teve um noivo, tempos atrás.

VIZINHA

— Quando tinha uns quinze anos. Ele se casou já faz dois anos com uma prima dela, por sinal. Ninguém lembra mais do noivado.

MÃE

— E como é que você se lembra?

VIZINHA

— Você me faz cada pergunta!...

MÃE

— E quem não se interessa por suas próprias dores? (Pausa.) Quem era o noivo?

VIZINHA

— Leonardo.

MÃE

— Que Leonardo?

VIZINHA

— O Leonardo dos Félix.

MÃE (levantando-se)

— Dos Félix!

VIZINHA

— Mulher, que culpa tem Leonardo? De quê? Ele tinha oito anos no tempo das brigas.

MÃE

— É verdade... Mas é só ouvir falar em Félix e é como — (entre dentes) Félix! — como se me enchessem a boca de lama (cospe) e tenho que cuspir, tenho que cuspir para não matar.

VIZINHA

— Calma! Que é que você ganha com isso?

MÃE

— Nada. Mas você compreende.

VIZINHA

— Não vá contra a felicidade do seu filho. Não diga nada a ele. Você está velha. Eu também. As duas, caladas; assim é que deve ser.

MÃE

— Não vou dizer nada.

VIZINHA (beijando-a)

— Nada.

MÃE (serena)

— As coisas!.

VIZINHA

— Vou indo, que daqui a pouco a minha gente chega do campo.

MÃE

— Já viu que dia mais quente?

VIZINHA

— Os meninos que levam água para os segadores pareciam pretinhos. Adeus, mulher.

MÃE

— Adeus. (Dirige-se para a porta da esquerda. No meio do caminho pára e benze-se lentamente.)

CAIO PANO

QUADRO II

(CASA PINTADA DE COR-DE-ROSA, COM UTENSÍLIOS DE COBRE E RAMOS DE FLORES POPULARES. NO CENTRO, UMA MESA COM TOALHA. É DE MANHÃ. SOGRA DE LEONARDO EMBALANDO UMA CRIANÇA EM SEUS BRAÇOS. EMBALA-A. A MULHER, NO OUTRO CANTO, FAZ TRICÔ.)

SOGRA

— Nana, meu menino, do cavalo grande que não quis a água. A água era negra no fundo das eras!

Quando chega à ponte,

ali pára e canta.

Quem dirá, menino,

o que tem a água

de cauda tão longa

em tão verde sala?

MULHER (baixo)

— Dorme, cravo meu,

que o cavalo não quer mais beber.

SOGRA

— Dorme, meu rosal,

que o cavalo se põe a chorar.

As patas feridas,

a crina gelada,

dentro dos seus olhos

um punhal de prata.

Entravam no rio.

Ai, tão fundo entravam!

O sangue corria

mais forte que a água.

MULHER

— Dorme, cravo meu,

que o cavalo não quer mais beber.

SOGRA

— Dorme, meu rosal,

que o cavalo se põe a chorar.

MULHER

— Não quis nem tocar

a margem molhada

seu focinho morno

com moscas de prata.

Para os montes duros

é que relinchava

com o rio morto

já sobre a garganta.

Ai, cavalo grande

que não quis a água!

Ai, mágoa de neve,

cavalo da alva!

SOGRA

— Não venhas, não. Pára, cerra esta janela com heras de sonho e sonhos de hera.

MULHER

— Meu menino dorme.

SOGRA

— Meu filho se cala.

MULHER

— Cavalo, meu filho
tem uma almofada.

SOGRA

— Seu berço é de aço.

MULHER

— Seu linho é de Holanda.

SOGRA

— Nana, meu menino.

MULHER

— Ai, cavalo grande
que não quis a água!

SOGRA

— Não venhas, não entres!
Vai para a montanha,
aos vales de sombra
onde a égua pasta.

MULHER (olhando)

— Meu filho adormece.

SOGRA

— Meu filho descansa.

MULHER (baixinho)

— Dorme, cravo meu,
que o cavalo não quer mais beber.

SOGRA (levantando-se e muito baixinho)

— Dorme, meu rosal,
que o cavalo se põe a chorar.

(LEVAM O MENINO PARA DENTRO. ENTRA LEONARDO.)

LEONARDO

— E o menino?

MULHER

— Já dormiu.

LEONARDO

— Ontem não passou bem. Chorou, de noite.

MULHER (alegre)

— Hoje está que parece uma dália. E você? Foi à casa do ferreiro?

LEONARDO

— Estou vindo de lá. Parece incrível! Faz mais de dois meses que fico pondo ferraduras novas no cavalo, e elas vivem caindo. Pelo jeito, arranca todas nas pedras.

MULHER

— Não será porque você abusa?

LEONARDO

— Não. Quase não saio com ele.

MULHER

— Ontem as vizinhas me contaram que você estava na divisa dos campos.

LEONARDO

— Quem foi que disse?

MULHER

— As mulheres que colhem alcaparras. Eu estranhei, é claro. Era você?

LEONARDO

— Não. Que é que ia fazer por lá, naquele deserto?

MULHER

— Foi o que eu disse. Mas o cavalo estava se desfazendo em suor.

LEONARDO

— Você foi ver?

MULHER

— Eu, não; minha mãe.

LEONARDO

— Ela está com o menino?

MULHER

— Está. Quer uma limonada?

LEONARDO

— Com água bem fria.

MULHER

— E você nem veio comer!.

LEONARDO

— Fiquei com os medidores do trigo. Demorados, como sempre.

MULHER (fazendo a limonada, e muito terna)

— E o preço é bom?

LEONARDO

— É o justo.

MULHER

— Estou precisando de um vestido, e o menino de um gorro com laços.

LEONARDO (levantando-se)

— Vou ver o garoto.

MULHER

— Cuidado, que ele está dormindo.

SOGRA (entrando)

— Mas quem anda correndo desse jeito no cavalo? Está lá embaixo, exausto, de olhos esbugalhados, como se tivesse chegado do fim do mundo.

LEONARDO (áspero)

— Eu.

SOGRA

— Então desculpe; é seu, mesmo.

MULHER (tímida)

— Estava com os medidores do trigo.

SOGRA

— Para mim, tanto faz. Que arrebente! (Senta-se. Pausa.)

MULHER

— A limonada. Está fria?

LEONARDO

— Está.

MULHER

— Sabe que vão pedir minha prima?

LEONARDO

— Quando?

MULHER

— Amanhã. As bodas serão daqui a um mês. Espero que venham convidar a gente.

LEONARDO (sério)

— Não sei.

SOGRA

— Acho que a mãe dele não estava lá muito satisfeita com o casamento.

LEONARDO

— E talvez tenha razão. Ela é danada.

MULHER

— Não gosto que você pense essas coisas de uma moça direita.

SOGRA

— Mas se ele diz isso é porque sabe. Você esqueceu que ela foi sua noiva por três anos?

(Com intenção.)

LEONARDO

— Mas larguei dela. (Para sua mulher) Vai chorar, agora? Chega! (Arranca-lhe bruscamente as mãos do rosto.) Vamos ver o menino. (Saem abraçados.)

(APARECE A MENINA, ALEGRE. ENTRA CORRENDO.)

MENINA

— Senhora.

SOGRA

— Que é?

MENINA

— O noivo chegou na loja e comprou tudo o que havia de melhor.

SOGRA

— Veio sozinho?

MENINA

— Não, com a mãe dele. Séria, alta. (Imita-a.) Mas que luxo!

SOGRA

— Eles têm dinheiro.

MENINA

— E compraram umas meias rendadas!... Ai, que meias! Toda mulher sonha com meias assim! Olhe só; uma andorinha aqui (aponta o tornozelo), um barco aqui (aponta a barriga da perna), e aqui uma rosa (aponta a coxa).

SOGRA

— Menina!

MENINA

— Uma rosa com os botões e o cabo! Ah! E toda de seda!

SOGRA

— Vão se juntar dois bons capitais.

(APARECEM LEONARDO E A MULHER.)

MENINA

— Vim contar o que eles estão comprando.

LEONARDO (forte)

— Não interessa!

MULHER

— Mas deixe...

SOGRA

— Leonardo, não é para tanto.

MENINA

— Com licença. (Sai chorando.)

SOGRA

— Por que essa mania de brigar com as pessoas?

LEONARDO

— Não pedi a sua opinião. (Senta-se.)

SOGRA

— Muito bem. (Pausa.)

MULHER (a Leonardo)

— O que há com você? Que idéia está remoendo nessa cabeça? Não me deixe assim, sem saber de nada...

LEONARDO

— Chega.

MULHER

— Não. Quero que olhe para mim e me diga o que é.

LEONARDO

— Me deixe em paz. (Levanta-se.)

MULHER

— Aonde vai, meu filho?

LEONARDO (áspero)

— Quer calar a boca?

SOGRA (enérgica, para sua filha)

— Quieta! (Leonardo sai.) O menino! (Sai e torna a entrar com ele nos braços. A Mulher permanece de pé, imóvel.)

As patas feridas,

a crina gelada

dentro dos seus olhos

um punhal de prata.

Entravam no rio.

Ai, tão fundo entravam!

O sangue corria

mais forte que a água.

MULHER (voltando-se lentamente e como que sonhando)

— Dorme, cravo meu,

que o cavalo se põe a beber.

SOGRA

— Dorme, meu rosal,

que o cavalo se põe a chorar.

MULHER

— Nana, meu menino.

SOGRA

— Ai, cavalo grande

que não quis a água!

MULHER (dramática)

— Não venhas, não entres!

Vai para a montanha!

Ai mágoa de neve,

cavalo da alva!

SOGRA (chorando)

— Meu menino dorme..

MULHER (chorando e aproximando-se lentamente)

— Meu filho descansa..

SOGRA

— Dorme, cravo meu,

que o cavalo não quer mais beber.

MULHER (chorando e apoiando-se na mesa)

— Dorme, meu rosal,

que o cavalo se põe a chorar.

CAIO PANO

QUADRO III

(INTERIOR DA CUEVA [HABITAÇÃO CAVADA NA ROCHA — N. DO T.] ONDE MORA A NOIVA. NO FUNDO, UMA CRUZ DE GRANDES FLORES COR-DE-ROSA. PORTAS REDONDAS, COM CORTINAS DE RENDA E LAÇOS COR-DE-ROSA. NAS PAREDES, DE MATERIAL BRANCO E DURO, LEQUES REDONDOS, JARROS AZUIS E PEQUENOS ESPELHOS.)

CRIADA

— Entrem... (Muito amável, cheia de hipocrisia humilde. Entram o Noivo e sua Mãe. A Mãe de cetim preto, com mantilha de renda. O Noivo, de algodão listrado de preto, com uma grande corrente de ouro.) Não querem sentar? Eles vêm já-já. (Sai.)

(A MÃE E O FILHO FICAM SENTADOS, IMÓVEIS COMO ESTÁTUAS. LONGA PAUSA.)

MÃE

— Trouxe o relógio?

NOIVO

— Trouxe. (Tira-o e olha.)

MÃE

— Temos que voltar a tempo. Como mora longe, esta gente!

NOIVO

— Mas as terras são boas.

MÃE

— Boas, mas muito desertas. Quatro horas de viagem e nem uma casa, nem uma árvore.

NOIVO

— É que as terras são secas.

MÃE

— Seu pai teria coberto tudo isto de árvores.

NOIVO

— Sem água?

MÃE

— Já teria arranjado. Nos três anos que ficou casado comigo, plantou dez cerejeiras. (Recordando.) As três nogueiras do moinho, uma vinha inteira e uma planta que se chama Júpiter, que dá flores encarnadas, e secou.

(PAUSA.)

NOIVO (pela Noiva)

— Deve estar se vestindo.

(ENTRA O PAI DA NOIVA. É VELHO, COM O CABELO BRANCO E RELUZENTE. VEM DE CABEÇA INCLINADA. A MÃE E O NOIVO LEVANTAM-SE E FICAM DE MÃOS DADAS, EM SILÊNCIO.)

PAI

— Muito tempo de viagem?

MÃE

— Quatro horas. (Sentam-se.)

PAI

— Vieram pelo caminho mais longo.

MÃE
— Já estou velha demais para andar pelos barrancos do rio.

NOIVO
— Tem tontura. (Pausa.)

PAI
— Boa colheita de rami.

NOIVO
— Boa, mesmo.

PAI
— No meu tempo, nem rami dava esta terra. Foi preciso castigá-la e até chorar sobre ela para que nos desse algo que prestasse.

MÃE
— Mas agora dá. Não se queixe. Eu não vim lhe pedir nada.

PAI (sorrindo)
— Você é mais rica do que eu. As vinhas valem uma fortuna. Cada ramo, uma moeda de prata. Só me dá pena é que as terras... entende? ... fiquem separadas. Eu gosto é de tudo junto. Tenho um espinho no coração: é aquela hortazinha encravada no meio das minhas terras, que não querem me vender nem por todo o ouro do mundo.

NOIVO
— É sempre assim.

PAI
— Se a gente pudesse, com vinte juntas de bois, trazer suas vinhas para cá, e estendê-las lá na encosta! Que alegria!.

MÃE
— Para quê?

PAI
— O que é meu é dela, e o que é seu é dele. Por isso. Para ver tudo junto; junto é que dá gosto!

NOIVO
— E dava menos trabalho.

MÃE
— Quando eu morrer, vendam aquilo, e comprem aqui ao lado.

PAI
— Vender, vender! Bah! Comprar, filha, comprar tudo! Se eu tivesse tido filhos tinha comprado este monte inteiro, até a beira do riacho. Porque não é boa terra, não; mas havendo braços, fica boa, e como não passa ninguém, não roubam os frutos da gente, e dá para se dormir tranqüilo. (Pausa.)

MÃE
— Sabe por que vim.

PAI
— Sei.

MÃE
— E então?

PAI
— Acho bom. Eles já se entenderam.

MÃE
— Meu filho tem e pode.

PAI
— Minha filha também.

MÃE

— Meu filho é bonito. Nunca teve mulher. Tem a honra mais limpa que um lençol estendido no varal.

PAI

— Da minha, digo o mesmo. Prepara o mingau às três, com a estrela da manhã. Não fala nunca; suave como a lã, borda todo tipo de bordados e pode cortar uma corda com os dentes.

MÃE

— Que Deus abençoe sua casa.

PAI

— Que Deus a abençoe.

(APARECE A CRIADA COM DUAS BANDEJAS. UMA COM TAÇAS E A OUTRA COM DOCES.)

MÃE (ao Filho)

— Para quando quer as bodas?

NOIVO

— Quinta-feira que vem.

PAI

— Dia em que ela faz vinte e dois anos justos.

MÃE

— Vinte e dois anos! A idade do meu filho mais velho, se estivesse vivo. Vivo, sim, valente e macho como era, se os homens não tivessem inventado as navalhas.

PAI

— É melhor não lembrar disso.

MÃE

— Cada minuto. Lá no fundo do peito.

PAI

— Então, quinta-feira. Certo?

NOIVO

— Certo.

PAI

— Os noivos e nós vamos de coche até a igreja, que é muito longe, e os convidados vão nos carros e nas montarias que trouxerem.

MÃE

— Certo.

(ENTRA A CRIADA.)

PAI

— Diga a ela que já pode vir. (Para a Mãe) Vai ser uma grande alegria para mim, se gostar dela.

(APARECE A NOIVA. TEM AS MÃOS CAÍDAS EM ATITUDE MODESTA E A CABEÇA BAIXA.)

MÃE

— Venha cá. Está contente?

NOIVA

— Sim, senhora.

PAI

— Não precisa ficar tão séria. Afinal de contas, ela vai ser sua mãe.

NOIVA

— Estou contente. Se dei o sim, é porque eu quis.

MÃE

— Naturalmente. (Segura-lhe o queixo.) Olhe para mim.

PAI

— É igualzinha à minha mulher.

MÃE

— É? Que olhar bonito! Sabe o que é casar, criatura?

NOIVA (séria)
— Sei.

MÃE
— Um homem, uns filhos e uma parede de duas jardas para todo o resto.

NOIVO
— E se precisa de mais que isso?

MÃE
— Não. Que vivam todos, isso sim! Que vivam!

NOIVA
— Não se preocupe.

MÃE
— São presentes, para você.

NOIVA
— Obrigada.

PAI
— Vamos comer alguma coisa?

MÃE
— Eu não quero. (Ao Noivo) E você?

NOIVO
— Aceito. (Pega um doce. A Noiva pega outro.)

PAI (ao Noivo)
— Vinho?

MÃE
— Nem prova!

PAI
— Melhor! (Pausa. Todos estão de pé.)

NOIVO (para a Noiva)
— Amanhã eu venho.

NOIVA
— A que horas?

NOIVO
— As cinco.

NOIVA
— Fico esperando.

NOIVO
— Quando saio de perto de você sinto um abandono tão grande que me dá um nó na garganta.

NOIVA
— Quando for meu marido, não vai mais sentir.

NOIVO
— Isso eu garanto.

MÃE
— Vamos. O sol não espera. (Ao Pai) De acordo, em tudo?

PAI
— De acordo.

MÃE (à Criada)
— Adeus, mulher.

CRIADA
— Vão com Deus.

(A MÃE *BEIJA A NOIVA E VÃO SAINDO EM SILÊNCIO.*)

MÃE (da porta)

— Adeus, filha.

(A NOIVA *RESPONDE COM A MÃO.*)

PAI

— Acompanho vocês. (Saem.)

CRIADA

— Estou louca para ver os presentes.

NOIVA (áspera)

— Pare com isso.

CRIADA

— Ah, menina, deixe ver!

NOIVA

— Não quero.

CRIADA

— Só as meias. Dizem que são todinhas de renda. Vamos!

NOIVA

— Já disse que não!

CRIADA

— Meu Deus do céu! Está bem. Até parece que você não tem vontade de casar!

NOIVA (mordendo a mão, com raiva)

— Ai!

CRIADA

— Menina, minha filha, o que é que você tem? É pena de deixar sua vida de princesa?

Não pense em coisas tristes. Tem algum motivo? Nenhum. Vamos ver os presentes. (Pega a caixa.)

NOIVA (agarrando-a pelos pulsos)

— Largue.

CRIADA

— Ai, mulher!

NOIVA

— Largue, já disse.

CRIADA

— Você tem mais força que um homem.

NOIVA

— Já não fiz trabalhos de homem? Tomara que fosse, mesmo!

CRIADA

— Não diga isso!

NOIVA

— Já mandei ficar quieta! Vamos mudar de assunto.

(A LUZ VAI SUMINDO DE CENA. PAUSA LONGA.)

CRIADA

— Você ouviu um cavalo, ontem à noite?

NOIVA

— A que horas?

CRIADA

— Às três.

NOIVA

— Decerto era um cavalo solto.

CRIADA

— Não. Tinha cavaleiro.

NOIVA

— Como é que você sabe?

CRIADA

— Porque eu o vi. Ficou parado na sua janela. Achei muito estranho.

NOIVA

— Não podia ser meu noivo? De vez em quando ele vem a essa hora.

CRIADA

— Não.

NOIVA

— E viu quem era?

CRIADA

— Vi.

NOIVA

— Quem era?

CRIADA

— Era Leonardo.

NOIVA (forte)

— Mentira! Mentira! Que é que ele vem fazer aqui?

CRIADA

— Veio.

NOIVA

— Cale-se! Por que não corta essa língua?

(OUVE-SE O RUÍDO DE UM CAVALO.)

CRIADA (à janela)

— Olhe, venha ver. Não era?

NOIVA

— Era!

CAI O PANO, RAPIDAMENTE

SEGUNDO ATO

QUADRO 1

(PÁTIO DA CASA DA NOIVA. PORTÃO AO FUNDO. É NOITE. A NOIVA ENTRA VESTIDA COM ANÁGUAS BRANCAS PREGUEADAS, CHEIAS DE ENTREMEIOS E BICOS DE RENDA, E UM CORPETE BRANCO, COM OS BRAÇOS NUS. A CRIADA, COM A MESMA ROUPA.)

CRIADA

— Vou acabar esse penteado aqui fora.

NOIVA

— Não dá para ficar lá dentro, de tanto calor.

CRIADA

— Esta terra é abafada até de madrugada.

(A NOIVA SENTA-SE EM UMA CADEIRA BAIXA E OLHA-SE NUM ESPELHINHO. A CRIADA PENTEIA-A.)

NOIVA

— Minha mãe era de um lugar onde havia muitas árvores. De terra rica.

CRIADA

— Ela era assim, tão alegre!

NOIVA

— Mas se consumiu aqui.

CRIADA

— O destino.

NOIVA

— Como nos consumimos todas. Sai fogo dessas paredes. Ai, não puxe tanto!

CRIADA

— É para ajeitar melhor esta onda. Quero que fique caída na testa. (A Noiva olha-se no espelho.) Você está tão linda! Ah! (Beija-a carinhosamente.)

NOIVA (séria)

— Penteie mais.

CRIADA (penteando-a)

— Você é que é feliz: vai abraçar um homem, e beijá-lo, e sentir o peso dele!

NOIVA

— Pare com isso.

CRIADA

— E o melhor vai ser quando acordar, e sentir que ele está bem ao seu lado, com a respiração roçando os seus ombros, como se fosse uma peninha de rouxinol.

NOIVA (forte)

— Quer ficar quieta?

CRIADA

— Mas menina! As bodas, o que são? As bodas são isso, e nada mais. São os doces. por acaso? São os ramos de flores? Não. É uma cama brilhando, um homem e uma mulher.

NOIVA

— Não se deve falar nisso.

CRIADA

— Bom, isso é outra coisa. Mas que é bem gostoso, é!

NOIVA

— Ou bem amargo.

CRIADA

— Vou pôr as flores de laranjeira daqui até aqui. para que a grinalda apareça mais no penteado. (Experimenta um ramo de flores de laranjeira.)

NOIVA (olha-se no espelho)

— Dê aqui. (Pega o ramo, olha-o e deixa cair a cabeça, abatida.)

CRIADA

— Que foi, agora?

NOIVA

— Me deixe.

CRIADA

— Não é hora de ficar triste. (Animada) Me dê aqui esse ramo. (A Noiva joga-o fora)

Menina! Quer chamar desgraça, jogando a grinalda no chão? Levante essa cara! Não quer se casar, é isso? Então fale. Ainda é tempo de se arrepender. (Levanta-se.)

NOIVA

— São nuvens. Um mal-estar aqui dentro, quem nunca sentiu?

CRIADA

— Você gosta do seu noivo.

NOIVA

— Gosto.

CRIADA

— Gosta, sim, que eu sei.

NOIVA

— Mas este é um passo muito grande.

CRIADA

— Que é preciso dar.

NOIVA

— Já prometi.

CRIADA

— Agora vou pôr a grinalda.

NOIVA (senta-se)

— Ande depressa, que já devem estar chegando.

CRIADA

— Já devem ter saído há duas horas, pelo menos.

NOIVA

— Daqui até a igreja, é longe?

CRIADA

— Cinco léguas pelo riacho; mas pelo caminho é o dobro. (A Noiva levanta-se e a Criada se entusiasma ao vê-la.) Despertem a noiva na manhã de suas bodas. Que os rios do mundo tragam a coroa!

NOIVA (sorrindo)

— Vamos.

CRIADA (beija-a, entusiasmada, e dança ao seu redor)

— Que desperte com o ramo verde do azevinho em flor. Que desperte pelos ramos e flores dos azevinhos!

(OUVEM-SE PANCADAS FORTES NA PORTA.)

NOIVA

— Vá abrir. Devem ser os primeiros convidados. (Sai.)

(A CRIADA ABRE, SURPRESA.)

CRIADA

— Você?

LEONARDO

— Eu mesmo. Bom dia.

CRIADA

— O primeiro!

LEONARDO

— Não me convidaram?

CRIADA

— É.

LEONARDO

— Então eu vim.

CRIADA

— E sua mulher?

LEONARDO

— Vim a cavalo. Ela deve estar chegando pelo caminho.

CRIADA

— Não encontrou ninguém?

LEONARDO

— Passei por eles a cavalo.

CRIADA

— Vai acabar matando o animal de tanta correria.

LEONARDO

— Se morrer, morreu! (Pausa.)

CRIADA

— Sente-se. Ninguém se levantou ainda.

LEONARDO

— E a noiva?

CRIADA

— Vou vesti-la daqui a pouco.

LEONARDO

— A noiva! Deve estar contente!

CRIADA (mudando de assunto)

— E o menino?

LEONARDO

— Qual?

CRIADA

— Seu filho.

LEONARDO (recordando, meio sonolento)

— Ah!

CRIADA

— Vem com a mãe?

LEONARDO

— Não.

(PAUSA. VOZES CANTANDO, MUITO LONGE.)

VOZES

— Despertem a noiva
Na manhã de suas bodas!

LEONARDO

— Despertem a noiva
Na manhã de suas bodas!

CRIADA

— São os convidados. Mas ainda estão longe.

LEONARDO (levantando-se)

— A noiva vai usar uma grinalda bem grande, não é? Não devia ser tão grande. Uma pequena, assim, ficaria melhor. E o noivo, já trouxe as flores de laranjeira que ela deve pôr no peito?

NOIVA (aparecendo, ainda de anáguas e com a grinalda na cabeça)

— Trouxe.

CRIADA (forte)

— Não saia desse jeito.

NOIVA

— Que é que tem? (Séria) Por que pergunta se trouxeram as flores de laranjeira? É com alguma intenção?

LEONARDO

— Nenhuma. Que intenção podia ter? (Aproximando-se) Você me conhece bem, e sabe que não tenho intenção alguma. Me diga: quem fui eu para você? Abra e refresque essa memória. Mas dois bois e uma choça é quase nada. Isso é que dói.

NOIVA

— O que veio fazer aqui?

LEONARDO

— Ver o seu casamento.

NOIVA

— Eu também vi o seu!

LEONARDO

— Amarrado por você, feito pelas suas mãos. Podem me matar, se quiserem, mas não podem me cuspir. E o ouro, que brilha tanto, algumas vezes cospe.

NOIVA

— Mentira!

LEONARDO

— Não quero falar, porque sou homem de sangue quente, e não quero que todos estes montes escutem a minha voz.

NOIVA

— A minha seria ainda mais forte.

CRIADA

— Parem com isso. Você não tem nada que falar do passado. (A Criada olha para as portas, inquieta.)

NOIVA

— Tem razão. Eu não devia nem lhe falar. Mas a minha alma se abrasa porque você vem me ver, e espiar minhas bodas, e ainda pergunta com intenção pelas flores de laranjeira. Vá embora, e espere sua mulher lá na porta.

LEONARDO

— Será que você e eu não podemos falar?

CRIADA (com raiva)

— Não, não podem falar.

LEONARDO

— Depois do meu casamento, tenho pensado noite e dia de quem era a culpa, e cada vez que penso vem uma culpa nova, que engole a outra; mas sempre há culpa!

NOIVA

— Um homem com seu cavalo sabe muito e pode muito para abusar de uma moça metida num deserto. Mas eu tenho o orgulho. Por isso me caso. E vou viver encerrada com meu marido, a quem tenho que amar acima de todas as coisas.

LEONARDO

— O orgulho não vai lhe adiantar nada. (Aproxima-se.)

NOIVA

— Não se aproxime!

LEONARDO

— Calar e queimar por dentro é o maior castigo que a gente pode se impor. De que me serviu ter orgulho. e desviar os olhos, e deixá-la acordada noites e noites? De nada! Só serviu para aumentar o meu fogo. Porque você acha que o tempo cura e que as paredes tampam, e não é verdade, não é verdade. Quando as coisas chegam ao fundo, não se arrancam mais.

NOIVA (tremendo)

— Não posso ouvir você. Não posso ouvir sua voz. É como se eu bebesse uma garrafa de licor e adormecesse numa colcha de rosas. E me arrasta, e sei que me afogo, mas vou atrás.

CRIADA (agarrando Leonardo pela lapela)

— Você tem que ir embora já!

LEONARDO

— É a última vez que vou falar com ela. Não tenha medo.

NOIVA

— E sei que estou louca, sei que o meu peito não agüenta mais, e fico aqui. parada, ouvindo o que ele diz, vendo o seu jeito de andar, os seus braços.

LEONARDO

— Não ficava tranqüilo enquanto não lhe dissesse essas coisas. Eu me casei. Case-se, agora!

CRIADA (a Leonardo)

— E casa, mesmo!

VOZES (cantando mais perto)

— Despertem a noiva
Na manhã de suas bodas.

NOIVA

— Despertem a noiva! (Sai correndo para o quarto.)

CRIADA

— Já estão aqui. (A Leonardo) Nunca mais chegue perto dela.

LEONARDO

— Não se preocupe. (Sai pela esquerda.)

(COMEÇA A CLAREAR O DIA. ENTRA A PRIMEIRA MOÇA.)

PRIMEIRA MOÇA

— Despertem a noiva
na manhã de suas bodas;
nas ruas, as rondas,
e pelas sacadas, mil coroas.

VOZES

— Despertem a noiva!

CRIADA (fazendo algazarra)

— Que desperte
com o ramo verde
de um amor perfeito.
Que desperte
pelos ramos e flores
dos azevinhos!

SEGUNDA MOÇA (entrando)

— Que desperte
de cabelos soltos,
vestida de neve,
botas de verniz e prata,
ramos de jasmim na testa.

CRIADA

— Ai, pastora,
olha a lua nova!

PRIMEIRA MOÇA

— Ai, rapaz,
deixa o teu sombreiro lá nos olivais!

PRIMEIRO MOÇO (entrando com o sombreiro levantado)

— Despertem a noiva
que pelos campos chega
rondando estas bodas,
com bandejas de dalias

e trigais de glória.

VOZES

— Despertem a noiva!

SEGUNDA MOÇA

— A noiva
vem trazendo uma alva coroa,
e o noivo
vai prendê-la com laços de ouro.

CRIADA

— Na erva-cidreira
a noiva não pode dormir.

TERCEIRA MOÇA (entrando)

— Mas no laranjal
o noivo lhe dá travesseiro e colher.

(ENTRAM TRÊS CONVIDADOS.)

PRIMEIRO MOÇO

— Desperta, pombinha!
A aurora derrama
Seus sinos de sombra.

CONVIDADO

— A noiva, tão branca noiva, hoje, donzela, amanhã, senhora.

PRIMEIRA MOÇA

— Desce, morena,
arrastando essa cauda de seda.

CONVIDADO

— Desce, moreninha,
que há chuvas de orvalho na manhã tão fria.

PRIMEIRO MOÇO

— Despertai, senhora, despertai,
que o ar chove pétalas no laranjal.

CRIADA

— Vou lhe bordar um pinheiro
Cheio de laços vermelhos
e em cada laço um amor
com vivas ao seu redor.

VOZES

— Despertem a noiva.

PRIMEIRO MOÇO

— Na manhã de suas bodas!

CONVIDADO

— Na manhã de suas bodas, que bonita vai ficar! Pareces, é flor dos montes, a mulher de um capitão.

PAI (entrando)

— A mulher de um capitão desposa o noivo, que já vem com seu gado, pelo tesouro!

TERCEIRA MOÇA

— O noivo
é assim como a flor do ouro.
Quando caminha,
a seus pés se juntam ramos de cravinas.

CRIADA

— Ai, menina de sorte!

SEGUNDO MOÇO

— Que desperte a noiva!

CRIADA

— Ai, minha bela!

PRIMEIRA MOÇA

— A boda está chamando
pelas janelas.

SEGUNDA MOÇA

— Que venha essa noiva!

PRIMEIRA MOÇA

— Que venha, que venha!

CRIADA

— Que toquem e repiquem
as campanas!

PRIMEIRO MOÇO

— Lá vem, lá vem! Já vai chegar!

CRIADA

— Como um touro, as bodas
Vão se erguendo, afinal!

*(APARECE A NOIVA. VEM COM UM VESTIDO PRETO DA MODA DE MIL E NOVECEN-
TOS, COM ANQUINHAS E CAUDA LONGA RODEADA DE GAZE PLISSADA E RENDAS
DURAS. SOBRE O PENTEADO, NA TESTA, TRAZ A GRINALDA DE FLORES DE
LARANJEIRA. AS GUITARRAS TOCAM. AS MOÇAS BEIJAM A NOIVA.)*

TERCEIRA MOÇA

— Que perfume você pôs no cabelo?

NOIVA (rindo)

— Nenhum.

SEGUNDA MOÇA (olhando o vestido)

— Que fazenda mais linda!

PRIMEIRO MOÇO

— E aqui está o noivo!

NOIVO

— Salve!

PRIMEIRA MOÇA (pondo-lhe uma flor na orelha)

— O noivo
é assim como a flor do ouro.

SEGUNDA MOÇA

— Brisas de sossego
emanam seus olhos!

(O NOIVO VAI PARA O LADO DA NOIVA.)

NOIVA

— Por que pôs esses sapatos?

NOIVO

— São mais alegres do que os pretos.

MULHER DE LEONARDO (entrando e beijando a Noiva)

— Salve!

(FALAM TODOS, EM ALGAZARRA.)

LEONARDO (entrando, como quem cumpre um dever)

— Na manhã do casamento

a grinalda te poremos.

MULHER

— Para que o campo se alegre
nas ondas do teu cabelo.

MÃE (ao Pai)

— Mas esses aí também vieram?

PAI

— São da família. Hoje é dia de perdão!

MÃE

— Eu calo, mas não perdôo.

NOIVO

— Com a grinalda, dá gosto ver você.

NOIVA

— Vamos logo para a igreja!

NOIVO

— Está com pressa?

NOIVA

— Sim. Quero ser sua mulher e ficar sozinha com você, e só ouvir sua voz, mais nenhuma.

NOIVO

— É assim que eu quero!

NOIVA

— E só ver os seus olhos, mais nada. E você há de me abraçar tão forte que, mesmo ao ouvir o chamado de minha mãe, que está morta, eu não possa me soltar.

NOIVO

— Eu tenho força nos braços. Vou abraçá-la quarenta anos seguidos.

NOIVA (dramática, agarrando-lhe o braço)

— Sempre!

PAI

— Vamos logo! Peguem as montarias e os carros, que o sol já saiu.

MÃE

— E tomem cuidado! Não vá nos acontecer algum desastre.

(ABRE-SE O GRANDE PORTÃO DO FUNDO. COMEÇAM A SAIR.)

CRIADA (chorando)

— Ao saíres de casa,
branca donzela,
recorda-te que saís
como uma estrela...

PRIMEIRA MOÇA

— Limpa de corpo e roupa,
ao saíres de casa para tuas bodas.

(VÃO SAINDO.)

SEGUNDA MOÇA

— Já saís de tua casa,
vais para a igreja!

CRIADA

— A brisa espalha flores
pelas areias!

TERCEIRA MOÇA

— Ai, branca menina!

CRIADA

— Brisa escura é a renda
de sua mantilha.

(SAEM. OUVEM-SE GUITARRAS, BAQUETAS E PANDEIRINHOS. LEONARDO E SUA MULHER FICAM SÓS.)

MULHER

— Vamos.

LEONARDO

— Aonde?

MULHER

— Á igreja. Mas não vá a cavalo. Venha comigo.

LEONARDO

— De carro?

MULHER

— De que, então?

LEONARDO

— Não sou homem de ficar andando em carros.

MULHER

— E eu não sou mulher de ir sem marido a um casamento. Já não agüento mais!

LEONARDO

— E eu também não!

MULHER

— Por que me olha assim? Você tem um espinho em cada olho.

LEONARDO

— Vamos!

MULHER

— Não consigo saber o que há. Mas penso, e não quero pensar. Só sei de uma coisa: me jogaram fora. Mas tenho um filho. E outro que vem. Vamos indo. O mesmo destino de minha mãe. Mas daqui eu não me movo.

(VOZES FORA.)

VOZES

— Ao saíres de casa
para a igreja,
recorda-te que saís
como uma estrela.

MULHER (chorando)

— “Recorda-te que saís
como uma estrela !”
Foi assim que saí da minha casa. O campo inteiro
me cabia na boca.

LEONARDO (levantando-se)

— Vamos.

MULHER

— Mas comigo!

LEONARDO

— É. (Pausa.) Ande, vá! (Saem.)

VOZES

— Ao saíres de casa
para a igreja,

recorda-te que saís
como uma estrela.

CAI O PANO, LENTA MENTE

QUADRO II

(Exterior da cueva da noiva. Cores branco-acinzentadas e azul-frias. Grandes figueiras-da-índia. Tons sombrios e prateados. Panorama de mesetas [Pequenos planaltos — N. do T.] de cor pastel, todo endurecido, como paisagem de cerâmica popular.)

CRIADA (arrumando copos e bandejas em uma mesa)

— Girava,
girava a roda
e a água passava.
Porque é dia das bodas,
que se afaste a ramagem
e que a lua se estenda
pela branca varanda.
(Em voz alta)
Ponha as toalhas!
(Em voz patética)
Cantavam,
cantavam os noivos
e a água passava.
Porque é dia das bodas,
resplandeça o orvalho
e se encham de mel
as amêndoas amargas.
(Em voz alta)
Prepare o vinho!
(Em voz poética)
Formosa,
formosa desta terra,
olha como a água passa.
Porque são tuas bodas,
guarda as roupas rendadas,
e à sombra da asa do noivo
nunca mais saias de casa.
Porque o noivo é como um pombo,
com o peito todo em brasa
e o campo espera o rumor
do seu sangue a ser derramado.
Girava,
girava a roda
e a água passava.
Porque são tuas bodas,
deixa então que brilhe a água.

MÃE (entrando)

— Até que enfim!

PAI

— Somos os primeiros?

CRIADA

— Não. Há pouco chegou Leonardo com sua mulher. Correram como o diabo. A mulher estava morta de medo. Chegaram tão rápido como se tivessem vindo a cavalo.

PAI

— Esse aí está procurando desgraça. Tem sangue ruim.

MÃE

— E que sangue podia ter? O mesmo da família toda. Vem do bisavô dele, que começou matando, e continua em toda essa rale maldita, gentalha de faca pronta e de sorriso falso.

PAI

— Não ligue para ele.

CRIADA

— Como é que não vai ligar?

MÃE

— Isso me dói até na ponta das veias. Olho para cada um deles e só vejo a mão com que mataram o que era meu. Está me vendo assim? Não pareço louca? Louca, sim, por não ter gritado tudo o que meu peito precisa. Trago no peito um grito sempre de pé, que tenho de castigar e esconder entre os mantos. Mas levam os meus mortos, e tenho que calar. Depois, o povo critica. (Tira o manto.)

PAI

— Hoje não é dia de lembrar essas coisas.

MÃE

— Quando se fala nisso, tenho que desabafar. E hoje mais do que nunca. Porque hoje vou ficar só, na minha casa.

PAI

— Mas depois vai ter companhia.

MÃE

— Essa é a minha ilusão: os netos.

(SENTAM-SE.)

PAI

— Eu quero que tenham muitos. Esta terra precisa de braços que não sejam pagos. Para lutar com as ervas ruins, com os cactos, com o cascalho que aparece onde menos se espera. E esses braços têm que ser dos donos, que castiguem e que dominem, que façam brotar as sementes. É preciso muitos filhos.

MÃE

— E ao menos uma filha! Os machos são do vento! Têm, por força, que usar armas. As meninas nunca saem à rua.

PAI (alegre)

— Eu acho que vão ter de tudo.

MÃE

— Meu filho vai cobrir bem a moça. É de boa semente. O pai dele podia ter tido muitos filhos comigo.

PAI

— Eu queria é que isso fosse para amanhã. Que tivessem logo dois ou três homens.

MÃE

— Mas não é assim. Demora muito. Por isso é que é tão terrível ver o sangue da gente derramado pelo chão. Uma fonte que corre um minuto, e que para nós custou anos e anos. Quando cheguei para ver meu filho, estava caído no meio da rua. Molhei minhas mãos no sangue e as lambi, com esta língua. Porque era sangue meu. Você não sabe o que é isso. Se eu pudesse, guardava a terra encharcada pelo sangue numa jarra de cristal e de topázios.

PAI

— Agora você tem que esperar. Minha filha tem ancas largas, e seu filho é forte.

MÃE

— Espero que sim.

(LEVANTAM-SE.)

PAI

— Prepare as bandejas de trigo.

CRIADA

— Já estão prontas.

MULHER DE LEONARDO (entrando)

— Que sejam felizes!

MÃE

— Obrigada.

LEONARDO

— Vai haver festa?

PAI

— Pouca coisa. O pessoal não pode demorar.

CRIADA

— Já estão chegando!

(VÃO ENTRANDO CONVIDADOS EM GRUPOS ALEGRES. ENTRAM OS NOIVOS, DE BRAÇOS DADOS. LEONARDO SAI.)

NOIVO

— Nunca se viu tanta gente numa boda.

NOIVA (sombria)

— Nunca.

PAI

— Uma beleza!

MÃE

— Vieram famílias inteiras.

NOIVO

— Gente que não saía de casa.

MÃE

— Seu pai semeou muito e você está colhendo agora.

NOIVO

— Havia uns primos meus que eu já nem conhecia mais.

MÃE

— Todo o pessoal lá da praia.

NOIVO (alegre)

— Se assustaram com os cavalos.

(CONVERSAM.)

MÃE (para a Noiva)

— No que está pensando?

NOIVA

— Em nada.

MÃE

— As bênçãos pesam muito.

(OUVEM-SE GUITARRAS.)

NOIVA

— Como chumbo.

MÃE (forte)

— Mas não devem pesar. Você tem que ser leve como uma pomba.

NOIVA

— A senhora fica aqui esta noite?

MÃE

— Não. Minha casa está vazia.

NOIVA

— Mas devia ficar!

PAI (para a Mãe)

— Olhe só o baile que arranjaram! Danças lá da beira do mar.

(LEONARDO ENTRA E SENTA-SE. SUA MULHER ATRÁS DELE, EM ATITUDE RÍGIDA.)

MÃE

— São os primos do meu marido. Duros como pedras para dançar.

PAI

— Mas gosto de ver tudo isso. Que mudança para esta casa ! (Sai.)

NOIVO (para a Noiva)

— Gostou das flores de laranjeira?

NOIVA (olhando-o Fixamente)

— Gostei.

NOIVO

— São todas de cera. Duram para sempre. Gostaria que cobrissem todo o seu vestido.

NOIVA

— Não fazem falta.

(LEONARDO SAI PELA DIREITA.)

PRIMEIRA MOÇA

— Viemos para tirar os seus alfinetes.

NOIVA (ao noivo)

— Volto já.

MULHER

— Espero que seja feliz com minha prima!

NOIVO

— Tenho certeza que sim.

MULHER

— Os dois, aqui; sem sair nunca e construindo a casa. Bem que eu queria viver longe assim!

NOIVO

— E por que vocês não comprem terras? As do monte são baratas, e lá os filhos se criam melhor.

MULHER

— Não temos dinheiro. E do jeito que vamos.

NOIVO

— Seu marido é bom trabalhador.

MULHER

— E, mas gosta de variar demais. Ir de uma coisa para outra. Não é homem tranqüilo.

CRIADA

— Não tomam nada? (Para a mulher) Vou embrulhar umas roscas de vinho para sua mãe, que ela gosta muito.

NOIVO

— Ponha três dúzias.

MULHER

— Não, não. Meia dúzia só chega.

NOIVO

— Mas hoje é um dia especial.

MULHER (para a Criada)

— E Leonardo?

CRIADA

— Não o vi.

NOIVO

— Deve estar com o pessoal.

MULHER

— Vou lá ver! (Sai.)

CRIADA

— O baile está tão lindo!

NOIVO

— E você, não dança?

CRIADA

— Ninguém vem me tirar.

(PASSAM, AO FUNDO, DUAS MOÇAS; DURANTE TODO ESTE ATO O FUNDO SERÁ UM ANIMADO CRUZAR DE FIGURAS.)

NOIVO (alegre)

— É que ninguém tem bom gosto. As velhas dengosas como você dançam melhor do que as moças.

CRIADA

— Mas agora vai requebrar para o meu lado, mesmo? Que família, a sua! Machos de verdade! Quando era menina, vi as bodas de seu avô. Que figurão! Parecia o casamento de uma montanha!

NOIVO

— Eu sou mais baixo que ele.

CRIADA

— Mas tem o mesmo brilho nos olhos. E a menina?

NOIVO

— Tirando os alfinetes para dar às moças.

CRIADA

— Ah, olhe: lá para a meia-noite, como vocês não vão dormir mesmo, vou deixar umas fatias de presunto e uns copos grandes de vinho velho. Na despensa, embaixo. Se precisarem..

NOIVO (sorrindo)

— Não como à meia-noite.

CRIADA (com malícia)

— Se não quiser comer, a noiva come. (sai.)

PRIMEIRO MOÇO (entrando)

— Venha beber conosco!

NOIVO

— Estou esperando a noiva.

SEGUNDO MOÇO

— Calma, vai ficar com ela a noite toda!

PRIMEIRO MOÇO

— Até que vai ser bom!

SEGUNDO MOÇO

— Venha, um pouco só.

NOIVO

— Vamos.

(SAEM. OUVES-SE GRANDE ALGAZARRA. ENTRA A NOIVA. PELO LADO OPOSTO EN-TRAM DUAS MOÇAS CORRENDO AO SEU ENCONTRO.)

PRIMEIRA MOÇA

— A quem você deu o primeiro alfinete, a mim ou a ela?

NOIVA

— Não me lembro.

PRIMEIRA MOÇA

— Deu para mim, aqui.

SEGUNDA MOÇA

— Foi para mim, na frente do altar.

NOIVA (*inquieta e com uma grande luta interior.*)

— Eu não sei, não sei.

PRIMEIRA MOÇA

— É que eu queria que você...

NOIVA (*interrompendo-a*)

— Não me importa. Tenho muito que pensar.

SEGUNDA MOÇA

— Desculpe.

(LEONARDO ATRAVESSA O FUNDO.)

NOIVA (*vendo Leonardo*)

— E essas horas são tão confusas.

PRIMEIRA MOÇA

— Nós ainda não sabemos como é.

NOIVA

— Mas vão saber, quando chegar sua hora. Estes passos são passos que custam muito.

PRIMEIRA MOÇA

— Ficou aborrecida?

NOIVA

— Não. Me desculpem.

SEGUNDA MOÇA

— De quê? Mas os dois alfinetes servem para casar, não é?

NOIVA

— Os dois.

PRIMEIRA MOÇA

— Só que uma se casa antes da outra.

NOIVA

— Tem tanta vontade assim?

SEGUNDA MOÇA (*envergonhada*)

— Muita.

NOIVA

— Para quê?

PRIMEIRA MOÇA

— É que... (*Abraçando a Segunda Moça*)

(AS DUAS SAEM CORRENDO. CHEGA O NOIVO E, MUITO DEVAGAR, ABRAÇA A NOIVA POR TRÁS.)

NOIVA (*com grande sobressalto*)

— Me largue!

NOIVO

— Tem medo de mim?

NOIVA

— Ah, era você?

NOIVO

— E quem podia ser? (*Pausa.*) Seu pai ou eu.

NOIVA

— É mesmo!

NOIVO

— Só que seu pai a abraçaria mais de leve.

NOIVA (*sombria*)

— Claro!

NOIVO (*abraça-a fortemente, de modo um pouco brusco*)

— Porque é velho.

NOIVA (*secamente*)

— Pare com isso!

NOIVO

Por quê? (*Deixa-a.*)

NOIVA

— É que... essa gente toda. Podem ver.

(**TORNA A ATRAVESSAR O FUNDO A CRIADA, QUE NÃO OLHA PARA OS NOIVOS.**)

NOIVO

— E daí? Já é sagrado.

NOIVA

— Sim, mas me deixe... Depois.

NOIVO

— Que é que você tem? Parece assustada!

NOIVA

— Não tenho nada. Não vá embora.

(**ENTRA A MULHER DE LEONARDO.**)

MULHER

— Não quero interromper...

NOIVO

— Diga.

MULHER

— Meu marido passou por aqui?

NOIVO

— Não.

MULHER

— É que não o encontro, e o cavalo também não está na cocheira.

NOIVO (*alegre*)

— Deve ter ido galopar por aí.

(**A MULHER SAI, INQUIETA. ENTRA A CRIADA.**)

CRIADA

— Não estão contentes com tantos cumprimentos?

NOIVO

— Estou é querendo que isto acabe logo. A noiva está um pouco cansada.

CRIADA

— Que é isto, menina?

NOIVA

— É como se tivesse levado uma pancada na testa!

CRIADA

— Uma noiva destes montes tem que ser forte. (*Ao Noivo*) Você é o único que pode curá-la, porque agora ela é sua. (*Sai correndo.*)

NOIVO (*abraçando-a*)

— Vamos dançar um instante. (*Beija-a.*)

NOIVA (*angustiada*)

— Não. Queria me deitar um pouco na cama.

NOIVO

— Fico lá com você.

NOIVA

— Nunca! Com essa gente toda aqui? Que é que iriam dizer? Me deixe descansar um momento.

NOIVO

— Como quiser. Mas não fique assim de noite!

NOIVA (*da porta*)

— De noite estarei melhor.

NOIVO

— É isso que eu quero!

(**APARECE A MÃE.**)

MÃE

— Filho.

NOIVO

— Por onde você andava?

MÃE

— Nessa barulheira toda. Está contente?

NOIVO

— Estou.

MÃE

— E sua mulher?

NOIVO

— Descansando um pouco. Mau dia para as noivas!

MÃE

— Mau dia? O único bom. Para mim foi como uma herança. (*Entra a Criada e vai para o quarto da Noiva.*) É a roçada nas terras virgens, a plantação de árvores novas.

NOIVO

— Você vai embora?

MÃE

— Vou. Tenho que ficar na minha casa.

NOIVO

— Sozinha.

MÃE

— Sozinha, não. Minha cabeça está cheia de coisas e de homens e de lutas.

NOIVO

— Mas lutas que já não são lutas.

(**A CRIADA ENTRA RAPIDAMENTE; DESAPARECE CORRENDO PELO FUNDO**)

MÃE

— Enquanto se vive, se luta.

NOIVO

— Como sempre, eu lhe obedeco.

MÃE

— Com sua mulher, procure ser carinhoso, e se notar que está ficando vaidosa ou arisca, faça-lhe uma carícia que machuque um pouco, um abraço forte, uma mordida e depois um beijo suave. Que ela não fique magoada, mas sinta que você é o macho, o patrão, aquele que manda. Foi assim que aprendi com seu pai. Mas ele se foi, e então sou eu que tenho de ensinar essas valentias.

NOIVO

— Farei sempre o que você mandar.

PAI (*saindo*)

— E minha filha?

NOIVO

— Está lá dentro.

PRIMEIRA MOÇA

— Que venham os noivos, para dançarmos a quadrilha!

PRIMEIRO MOÇO (*ao Noivo*)

— Você é que vai marcar.

PAI (*entrando*)

— Aqui não está!

NOIVO

— Como não?

PAI

— Deve ter subido para a varanda.

NOIVO

— Eu vou ver! (*Sai.*)

(OUVEM-SE GUITARRAS E ALGAZARRA.)

PRIMEIRA MOÇA

— Já começaram! (*Sai.*)

NOIVO (*entrando*)

— Lá não está.

MÃE (*inquieta*)

— Não?

PAI

— E onde será que foi?

CRIADA (*entrando*)

— E a menina, onde está?

MÃE (*séria*)

— Ninguém sabe.

(SAI O NOIVO. ENTRAM TRÊS CONVIDADOS.)

PAI (*dramático*)

— Mas não está no baile?

CRIADA

— No baile, não.

PAI (*num repente*)

— Há muita gente lá! Vá ver!

CRIADA

— Mas já vi!

PAI (*trágico*)

— Então, onde está?

NOIVO (*entrando*)

— Nada. Em lugar nenhum.

MÃE (*ao Pai*)

— Mas o que é isso? Onde está sua filha?

(ENTRA A MULHER DE LEONARDO.)

MULHER

— Fugiram! Fugiram! Ela e Leonardo. No cavalo. Iam abraçados, como um relâmpago.

PAI

— Não é verdade! Minha filha, não!

MÃE

— Sua filha, sim! Fruto de mãe devassa, e ele, ele também, ele. Mas já é a mulher do meu filho!

NOIVO (*saindo*)

— Vamos atrás deles! Quem tem um cavalo?

MÃE

— Quem tem um cavalo, já, depressa, quem tem um cavalo? Que eu dou tudo o que tenho,

meus olhos e até minha língua...

VOZ

— Aqui tem um.

MÃE (*ao Filho*)

— Ande. Atrás deles! (*Sai o Filho com dois moços.*) Não. Não vá. Essa gente mata depressa, e bem... Mas vá, sim, corra, e eu atrás!

PAI

— Não pode ser ela. Deve ter se atirado no poço.

MÃE

— Na água se atiram as honradas, as limpas; essa, não! Mas já é mulher do meu filho. Dois bandos. Agora aqui há dois bandos (*Entram todos.*) A minha família e a sua. Saiam todos daqui. Limpem o pó dos sapatos. Vamos ajudar meu filho. (*O povo separa-se em dois grupos.*) Porque ele tem sua gente: seus primos do mar e todos os de terra adentro. Fora daqui! Por todos os caminhos. Chegou outra vez a hora do sangue. Dois bandos. Você com o seu, e eu com o meu. Atrás deles! Atrás!

CAIO PANO

TERCEIRO ATO

QUADRO 1

(BOSQUE. É NOITE. GRANDES TRONCOS ÚMIDOS. AMBIENTE ESCURO. OUVEM-SE DOIS VIOLINOS. ENTRAM TRÊS LENHADORES.)

PRIMEIRO LENHADOR

— E acharam os dois?

SEGUNDO LENHADOR

— Não. Mas procuram por toda parte.

TERCEIRO LENHADOR

— Logo vão encontrar.

SEGUNDO LENHADOR

— Shhhh!

TERCEIRO LENHADOR

— Que é?

SEGUNDO LENHADOR

— Parece que vêm chegando por todos os caminhos ao mesmo tempo.

PRIMEIRO LENHADOR

— Quando a lua surgir, vão ver os dois.

SEGUNDO LENHADOR

— Deviam deixá-los em paz.

PRIMEIRO LENHADOR

— O mundo é grande. Todos podem viver nele.

TERCEIRO LENHADOR

— Mas vão matá-los.

SEGUNDO LENHADOR

— É preciso seguir a inclinação; fizeram bem em fugir.

PRIMEIRO LENHADOR

— Estavam se enganando um ao outro, e no fim o sangue foi mais forte.

TERCEIRO LENHADOR

— O sangue!

PRIMEIRO LENHADOR

— É preciso seguir o caminho do sangue.

SEGUNDO LENHADOR

— Mas sangue que vê a luz é tragado pela terra.

PRIMEIRO LENHADOR

— E daí? Melhor ser morto e sangrado que viver com sangue podre.

TERCEIRO LENHADOR

— Silêncio.

PRIMEIRO LENHADOR

— Que é? Escutou algo?

TERCEIRO LENHADOR

— Ouço os grilos, as rãs, a noite de emboscada.

PRIMEIRO LENHADOR

— Mas não se escuta o cavalo.

TERCEIRO LENHADOR

— Não.

PRIMEIRO LENHADOR

— Agora, devem estar se amando.

SEGUNDO LENHADOR

— O corpo dela era para ele, e o corpo dele para ela.

TERCEIRO LENHADOR

— Estão atrás deles, e vão matá-los.

PRIMEIRO LENHADOR

— Mas aí já terão misturado os seus sangues, e serão dois cântaros vazios, dois riachos secos.

SEGUNDO LENHADOR

— Há muitas nuvens, e pode ser que a lua não venha.

TERCEIRO LENHADOR

— O noivo os encontrará, com lua ou sem lua. Eu o vi sair. Como uma estrela furiosa. A cara cor de cinza, marcada pela sina de sua raça.

PRIMEIRO LENHADOR

— Sua raça de mortos no meio da rua.

SEGUNDO LENHADOR

— É isso!

TERCEIRO LENHADOR

— Acha que eles conseguirão romper o cerco?

SEGUNDO LENHADOR

— É difícil. Há punhais e espingardas por dez léguas ao redor.

TERCEIRO LENHADOR

— Ele tem um bom cavalo.

SEGUNDO LENHADOR

— Mas carrega uma mulher.

PRIMEIRO LENHADOR

— Já estamos chegando.

SEGUNDO LENHADOR

— Uma árvore de quarenta ramos. Vamos cortá-la agora.

TERCEIRO LENHADOR

— A lua já vem vindo. Vamos mais depressa.

(SURGE UMA CLARIDADE PELA ESQUERDA.)

PRIMEIRO LENHADOR

— Ai, lua que surge!

Lua das folhagens grandes.

SEGUNDO LENHADOR

— Encharca de jasmims o sangue!

PRIMEIRO LENHADOR

— Ai, lua afoita!

Lua de tão verdes folhas!

SEGUNDO LENHADOR

— Prata na cabeça da noiva.

TERCEIRO LENHADOR

— Ai, lua insana!

Deixa para o amor a escura mata.

PRIMEIRO LENHADOR

— Ai, triste lua!

Deixa para o amor a mata escura!

(SAEM. NA CLARIDADE DA ESQUERDA APARECE A LUA. A LUA É UM LENHADOR JOVEM DE CARA BRANCA. A CENA ADQUIRE UM VIVO RESPLENDOR AZUL.)

LUA

— Cisne redondo no rio,
olho de altas catedrais,
aurora falsa nas folhas
sou; e não vão escapar!
Quem se oculta? Quem soluça
no vale, nos matagais?
A lua deixa uma faca
abandonada no ar;
faca, emboscada de chumbo,
que quer ser a dor do sangue.
Deixem-me entrar! Venho fria
das paredes e cristais!
Abram telhados e peitos
onde eu possa me esquentar!
Tenho frio! As minhas cinzas
de sonolentos metais
buscam a crista do fogo
nos montes, ruas e umbrais.
Mas a neve me carrega
nas suas costas de jaspe,
e a água, tão dura e fria,
me afoga em lagos fatais.
Mas esta noite terão
rubro sangue as minhas presas,

e os juncos agrupados
nos largos passos do vento.
Nem sombra, nem um abrigo!
Eles não vão escapar!
Que eu quero entrar em um peito
para poder me aquecer!
Um coração para mim!
Bem quente! Que se derrame
pelos montes de meu peito;
deixem-me entrar, ai, me deixem!

(Para os ramos)

Não quero sombras. Meus raios
hão de entrar por toda parte,
e haja nos troncos escuros
um rumor de claridade,
para que eu tenha esta noite
sangue doce em minhas presas,
e os juncos agrupados
nos largos passos do vento.
Quem se oculta? Já pra fora!
Não! Não há como escapar!
Farei brilhar no cavalo
uma febre de diamante.

(DESAPARECE ENTRE OS TRONCOS, E O PALCO TORNA A FICAR SOMBRIO. ENTRA UMA VELHA TOTALMENTE COBERTA POR TÊNUES PANOS VERDE-ESCUROS. TEM OS PÉS DESCALÇOS. SÓ SE VÊ O SEU ROSTO ENTRE AS PREGAS. ESTA PERSONAGEM NÃO DEVE FIGURAR NO PROGRAMA.)

MENDIGA

— Essa lua sumiu, e eles vêm vindo.
Daqui não passam. O rumor do rio
apagará, com o rumor dos troncos,
o desgarrado vôo de seus gritos.
Vai ser aqui, e logo. Estou cansada.
Caixões abertos, com seus brancos fios,
esperam estendidos pela alcova
corpos pesados, de colo ferido.
Não desperte um só pássaro, e que a brisa,
recolhendo em seu manto esses gemidos,
fuja com eles pelas negras copas,
ou os enterre no musgo macio.
Essa lua, essa lua!

(Impaciente)

Essa lua, essa lua!

(APARECE A LUA. VOLTA A LUZ AZUL INTENSA.)

LUA

— Já vêm vindo.
Uns chegam pelo vale e o outro pelo rio.
Vou clarear as pedras. Quer alguma coisa?

MENDIGA

— Nada.

LUA

— O ar já vem chegando, rijo, e com dois gumes.

MENDIGA

— Ilumine a jaqueta e separe os botões,
que depois as navalhas já sabem o caminho.

LUA

— Mas que morram bem devagar. E que seu sangue
deslize entre os meus dedos com seu doce sussurro.
Repare que meus vales de cinza já despertam
na ânsia de ir à fonte e beber desse jorro!

MENDIGA

— Não deixemos que passem do riacho. Silêncio!

LUA

— Lá vêm eles!

(SAI. O PALCO FICA ÀS ESCURAS)

MENDIGA

— Depressa! Muita luz! Entendeu bem? Não podem escapar!

(ENTRAM O NOIVO E O PRIMEIRO MOÇO. A MENDIGA SENTA-SE E TAPA-SE COM O MANTO.)

NOIVO

— Por aqui.

PRIMEIRO MOÇO

— Não vai encontrá-los.

NOIVO *(enérgico)*

— Hei de encontrá-los!

PRIMEIRO MOÇO

— Acho que foram por outro caminho.

NOIVO

— Não. Eu ouvi o galope agora mesmo.

PRIMEIRO MOÇO

— Podia ser outro cavalo.

NOIVO *(dramático)*

— Ouça: só existe um cavalo no mundo, e é aquele. Entendeu bem? Se vem comigo,
venha sem discutir.

PRIMEIRO MOÇO

— Eu só queria..

NOIVO

— Quietos. Sei que vou encontrá-los aqui. Vê este braço? Pois não é o meu braço. É o
braço do meu irmão e do meu pai e de toda a minha família que está morta. E tem tanta força que é
capaz de arrancar esta árvore pela raiz, se quiser. E vamos logo, que eu sinto os dentes de todos os
meus cravados aqui de um jeito que não me deixa respirar tranqüilo.

MENDIGA *(queixando-se)*

— Ai!

PRIMEIRO MOÇO

— Ouviu isso?

NOIVO

— Vá por ali e dê a volta.

PRIMEIRO MOÇO

— Isto é uma caçada.

NOIVO

— Uma caçada, sim. A maior de todas.

(SAI O MOÇO. O NOIVO DIRIGE-SE RAPIDAMENTE PARA A ESQUERDA E TROPEÇA NA MENDIGA. A MORTE.)

MENDIGA

— Ai!

NOIVO

— Que faz aqui?

MENDIGA

— Tenho frio.

NOIVO

— Para onde vai?

MENDIGA (*sempre se queixando como uma mendiga*)

— Lá para longe...

NOIVO

— E de onde vem?

MENDIGA

— Dali... , de muito longe.

NOIVO

— Viu um homem e uma mulher que corriam montados num cavalo?

MENDIGA (*despertando*)

— Espere... (*Olha-o.*) Que rapaz bonito! (*Levanta-se.*) Mas muito mais bonito se estivesse dormindo.

NOIVO

— Responda logo: você viu ou não viu?

MENDIGA

— Espere. .. Que ombros mais largos! Por que não prefere ficar deitado neles, em vez de andar sobre as plantas dos pés, que são tão pequenas?

NOIVO (*sacudindo-a*)

— Perguntei se viu os dois! Passaram por aqui?

MENDIGA (*enérgica*)

— Não passaram; mas estão descendo a colina. Não está ouvindo?

NOIVO

— Não.

MENDIGA

— Não conhece o caminho?

NOIVO

— Vou de qualquer jeito.

MENDIGA

— Eu vou junto. Conheço bem esta terra.

NOIVO (*impaciente*)

— Mas então vamos! Por onde?

MENDIGA (*dramática*)

— Por ali!

(SAEM RAPIDAMENTE. OUVEM-SE AO LONGE DOIS VIOLINOS, QUE SIGNIFICAM O BOSQUE. VOLTAM OS LENHADORES. TRAZEM OS MACHADOS NOS OMBROS. PAS-SAM LENTAMENTE ENTRE OS TRONCOS.)

PRIMEIRO LENHADOR

— Ai, morte que surge!

Morte das folhagens grandes.

SEGUNDO LENHADOR

— Não abras o jorro do sangue!

PRIMEIRO LENHADOR

— Ai, morte afoita!

Morte de tão secas folhas.

TERCEIRO LENHADOR

— Não cubras de flores as bodas!

SEGUNDO LENHADOR

— Ai, triste morte,
Deixa para o amor os ramos verdes!

PRIMEIRO LENHADOR

— Ai, morte insana!
Deixa para o amor os verdes ramos!

(VÃO SAINDO ENQUANTO FALAM. APARECEM LEONARDO E A NOIVA.)

LEONARDO

— Quieta!

NOIVA

— Daqui por diante eu vou só. Vá! Você tem que voltar!

LEONARDO

— Fique quieta!

NOIVA

— Com os dentes,
com as mãos, como puder,
tire do meu colo honrado
o metal desta cadeia,
e me deixe enclausurada
lá no meu canto de terra.
E se não quer me matar
como se mata uma cobra,
ponha em meus dedos de noiva
o gatilho da espingarda.
Ai, que lamento, que fogo
me sobe pela cabeça.
Que vidros cravam minha língua
[presa!

LEONARDO

— Já demos o passo. Quieta! Porque nos seguem de perto e você virá comigo.

NOIVA

— Só se me levar à força!

LEONARDO

— À força? Mas quem desceu primeiro os degraus da escada?

NOIVA

— Fui eu que desci.

LEONARDO

— Quem pôs rédeas novas no cavalo?

NOIVA

— Eu mesma pus.

LEONARDO

— E que mãos me calçaram as esporas?

NOIVA

— As minhas mãos, que são suas,
Mas, podendo, quebrariam
os ramos azuis das veias
que murmuram nos seus braços.
Eu o amo, sim! Vá embora!
Ah, se eu pudesse matá-lo,

lhe faria uma mortalha
com franjas de violetas.
Ai, que lamento, que fogo
me sobe pela cabeça!

LEONARDO

— Que vidros cravam minha língua presa!
Bem que eu tentei esquecer
e pus um muro de pedra
entre sua casa e a minha.
É verdade. Não se lembra?
E vendo você, de longe,
enchia meus olhos de areia.
Mas eu montava a cavalo
e o cavalo me levava.
Com punhaladas de prata
o meu sangue ficou negro,
e o sonho foi semeando
erva má na minha carne.
Juro que não tenho culpa,
que a culpa é toda da terra
e do perfume que têm
os seus seios, suas tranças.

NOIVA

— Ah, que loucura! Não quero
com você cama nem mesa,
e a todo instante do dia
quero ter você bem perto,
porque me arrasta, e eu vou,
e se você me diz: “Venha !”
eu o sigo pelos ares
como um fiapo de erva.
Deixei um homem honrado
e toda a família dele
no meio de nossas bodas,
de grinalda em minha testa.
O castigo será seu,
mas eu não quero que seja.
Me deixe sozinha! Fuja!
Não há ninguém que o defenda.

LEONARDO

— Os pássaros da manhã
logo vão cantar nos ramos.
A noite já está morrendo
na beirada do penhasco.
Vamos a um lugar deserto,
onde sempre seja minha;
já não me importa essa gente,
nem o veneno que atira.

(ABRAÇA-A COM FORÇA.)

NOIVA

— E eu dormirei aos seus pés
para guardar os seus sonhos.

Nua, quieta, olhando o campo,
igual a uma cadela.
Isso é que eu sou! Só de vê-lo,
um fogo já me consome.

LEONARDO

— Fogo com fogo se abrasa.
A mesma chama pequena
mata dois juncos unidos.
Vamos!

(ARRASTA-A.)

NOIVA

— Aonde me leva?

LEONARDO

— Aonde não possam ir
esses homens que nos cercam.
Onde eu possa ver você!

NOIVA *(sarcástica)*

— Me arraste de feira em feira,
mulher sem brio nem vergonha,
para que todos me vejam
trazendo os lençóis das bodas
pelo ar, como bandeiras.

LEONARDO

— Eu também devo voltar,
se pensar como essa gente.
Mas vou onde você vai.
Você também. Tente. Veja.
Os raios da lua fundem
minha cintura a seu ventre.

(TODA ESTA CENA É VIOLENTA, CHEIA DE GRANDE SENSUALIDADE.)

NOIVA

— Escutou?

LEONARDO

— Vem gente.

NOIVA

— Fuja!
É justo que eu morra aqui,
com os pés dentro da água
e espinhos em minha testa.
Que choram por mim as folhas,
mulher perdida e donzeia.

LEONARDO

— Quieta! Já vêm vindo.

NOIVA

— Vá!

LEONARDO

— Silêncio. Que não nos ouçam.
Vá na frente. Vamos, ande!

(A NOIVA HESITA.)

NOIVA

— Os dois juntos.

LEONARDO *(abraçando-a)*

— Assim seja!
Só nos separam se eu
já estiver morto.

NOIVA

— E eu morta.

(SAEM ABRAÇADOS. APARECE A LUA MUITO DEVAGAR. O PALCO RECEBE UMA FORTE LUZ AZUL. OUVEM-SE OS DOIS VIOLINOS. BRUSCAMENTE OUVEM-SE DOIS LONGOS GRITOS DESGARRADOS, E CORTA-SE A MÚSICA DOS VIOLINOS. AO SEGUNDO GRITO APARECE A MENDIGA E FICA DE COSTAS. ABRE O MANTO E FICA NO CENTRO, COMO UM GRANDE PÁSSARO DE ASAS IMENSAS. A LUA PÁRA. O PANO DESCE EM MEIO A UM SILÊNCIO ABSOLUTO.)

ÚLTIMO QUADRO

(SALA BRANCA COM ARCOS E PAREDES GROSSAS. À DIREITA E À ESQUERDA, ESCADAS BRANCAS. GRANDE ARCO NO FUNDO E PAREDE DA MESMA COR. O CHÃO SERÁ TAMBÉM DE UM BRANCO RELUZENTE. ESTA SALA SIMPLES TERÁ UM SENTIDO MONUMENTAL DE IGREJA. NÃO HAVERÁ NENHUM TOM CINZA, NENHUMA SOMBRA, NEM MESMO O NECESSÁRIO PARA A PERSPECTIVA. DUAS MOÇAS VESTIDAS DE AZUL-ESCURO ESTÃO ENOVELANDO UMA MEADA ENCARNADA.)

PRIMEIRA MOÇA

— Novelo, novelo,
que queres fazer?

SEGUNDA MOÇA

— Jasmim de vestido,
cristal de papel.
Vou nascer às quatro,
vou morrer às dez.
Vou ser fio de lã,
correndo a teus pés,
e um laço que aperte
amargo troféu.

MENINA (*cantando*)

— Foram às bodas?

PRIMEIRA MOÇA

— Não.

MENINA

— Eu também não fui.
Que aconteceu
lá pelos ramos das vinhas?
Que aconteceu
lá sob o galho de oliva?
Que aconteceu
que ninguém voltou?
Foram às bodas?

SEGUNDA MOÇA

— Já dissemos que não.

MENINA (*indo embora*)

— Eu também não fui.

SEGUNDA MOÇA

— Novelo, novelo,
que queres cantar?

PRIMEIRA MOÇA

— Feridas de cera,
e dor de mirtal.
Dormir de manhã,
de noite velar.

MENINA (*da porta*)

— O fio já tropeça
nas pedras e cai.
Os montes azuis
o deixam passar.
Corre, corre, corre,
consegue afinal
enterrar a faca
e tirar o pão.

(*SAI.*)

SEGUNDA MOÇA

— Novelo, novelo,
que queres dizer?

PRIMEIRA MOÇA

— Amante sem fala.
Noivo carmesim.
Na margem calada,
caídos eu vi.

(*PÁRA, OLHANDO O NOVELO.*)

MENINA (*aparecendo na porta*)

— Corre, corre, corre,
o fio vem aqui.
Cobertos de barro
é que eles vão vir.
Corpos estirados,
panos de marfim!

(*SAI. APARECEM A MULHER E A SOGRA DE LEONARDO. CHEGAM ANGUSTIADAS.*)

PRIMEIRA MOÇA

— Já estão vindo?

SOGRA (*ríspida*)

— Não sabemos.

SEGUNDA MOÇA

— O que contam das bodas?

PRIMEIRA MOÇA

— Contem.

SOGRA (*secamente*)

— Nada.

MULHER

— Quero voltar, para saber de tudo.

SOGRA (*enérgica*)

— Já para casa!
Valente e só, na sua casa.
Envelhecendo e chorando,
Mas só, de porta fechada.

Nunca. Nem morto nem vivo.
Vamos pregar as janelas.
E caíam chuvas e noites
por sobre as ervas amargas.

MULHER

— Como saber...?

SOGRA

— Não importa.
Vá botar um véu na cara.
Os filhos são filhos seus,
De ninguém mais. Sobre a cama
estenda uma cruz de cinzas
no lugar que ele ocupava.

(SAEM.)

MENDIGA *(da porta)*

— Um pedaço de pão, mocinhas.

MENINA

— Fora!

(AS MOÇAS SE AGRUPAM.)

MENDIGA

— Por quê?

MENINA

— Seus gemidos. Fora!

PRIMEIRA MOÇA

— Menina!

MENDIGA

— Podia pedir seus olhos! Uma nuvem
de pássaros me segue; não quer um?

MENINA

— Quero ir embora!

SEGUNDA MOÇA *(para a Mendiga)*

— Não ligue pra ela.

PRIMEIRA MOÇA

— Veio pelo caminho do riacho?

MENDIGA

— Venho de lá.

PRIMEIRA MOÇA *(tímida)*

— E posso perguntar...?

MENDIGA

— Eu os vi; logo chegam; são dois rios
quietos, enfim, por entre as pedras grandes,
são dois homens nas patas do cavalo.
Mortos no meio do esplendor da noite.

(Deliciada)

Mortos, sim, mortos.

PRIMEIRA MOÇA

— Chega, velha, chega!

MENDIGA

— Seus olhos, flores murchas,
e seus dentes dois punhados de neve endurecida.
Os dois caíram; só voltou a noiva,
com sangue pela saia e nos cabelos.

Estão vindo, cobertos por dois mantos,
nos ombros fortes de rapazes altos.
Foi assim; nada mais. Tinha que ser.
Por sobre a flor do ouro, areia suja.

(SAI. AS MOÇAS INCLINAM AS CABEÇAS E, RITMICAMENTE, VÃO SAINDO.)

PRIMEIRA MOÇA

— Areia suja.

SEGUNDA MOÇA

— Por sobre a flor do ouro.

MENINA

— Por sobre a flor do ouro
trazem os mortos do riacho.
Moreninho é um,
moreninho é o outro.
Que rouxinol de sombra voa e geme
por sobre a flor do ouro!

(SAI. O PALCO FICA VAZIO. APARECE A MÃE COM UMA VIZINHA. A VIZINHA VEM CHORANDO.)

MÃE

— Quieta!

VIZINHA

— Não posso.

MÃE

— Quieta, já disse. (*À porta*) Não há ninguém aqui? (*Põe as mãos na testa.*) Meu filho devia me responder. Mas meu filho já é um punhado de flores secas. Meu filho já é uma voz escura por trás dos montes. (*Com raiva, para a Vizinha*) Mas quer ficar quieta? Não quero choro nesta casa. Suas lágrimas são lágrimas dos olhos, nada mais, mas as minhas virão, quando eu ficar sozinha, da planta dos meus pés, das minhas raízes, e serão mais ardentes que o sangue.

VIZINHA

— Venha para minha casa. Não fique aqui.

MÃE

Aqui. Quero ficar aqui. E tranqüila. Agora, todos estão mortos. A meia-noite vou dormir, dormir sem me aterrar com a espingarda ou com a faca. Outras mães assomarão às janelas, açoitadas pela chuva, para ver o rosto dos filhos. Eu, não. Vou fazer com meu sonho uma pomba fria de marfim que leve camélias de orvalho para o cemitério. Mas não; cemitério não, cemitério não! Leito de terra, cama que abriga e que embala os meus pelo céu. (*Entra uma mulher de negro que se dirige para a direita e ali se ajoelha. Para a Vizinha*) Tire as mãos do rosto. Temos dias terríveis pela frente. Não quero ver ninguém. A terra e eu. Meu pranto e eu. E estas quatro paredes. Ai! Ai! (*Senta-se, em transe.*)

VIZINHA

— Não seja tão cruel consigo mesma.

MÃE (jogando o cabelo para trás)

— Vou ficar calma. (*Senta-se.*) Porque as vizinhas vão chegar, e não quero que me vejam tão pobre. Tão pobre! Uma mulher que não tem um filho sequer para poder beijar.

(APARECE A NOIVA. VEM SEM FLORES DE LARANJEIRA E COM UM MANTO NEGRO.)

VIZINHA (*vendo a Noiva, com raiva*)

— Onde pensa que vai?

NOIVA

— Vim para cá.

MÃE (*para a Vizinha*)

— Quem é?

VIZINHA

— Não reconhece?

MÃE

— Por isso pergunto quem é. Porque não posso reconhecer, para não fincar meus dentes no pescoço dela. Víbora! (*Dirige-se para a Noiva com um gesto fulminante; pára. À Vizinha*) Está vendo? Ela fica aí, chorando, e eu quieta, sem lhe arrancar os olhos. Não me entendo. Será que eu não amava meu filho? Mas e sua honra? Onde está a sua honra? (*Bate na Noiva, que cai no chão.*)

VIZINHA

— Pelo amor de Deus! (*Tenta separá-las.*)

NOIVA (*para a Vizinha*)

— Deixe; vim aqui para que ela me mate e para que me levem com eles. (*À Mãe*) Mas não com as mãos; com ganchos de ferro, com uma foice, e com força até que se quebre em meus ossos. (*À Vizinha*) Deixe! Que eu quero que ela saiba que estou limpa; que fiquei louca, talvez, mas que podem me enterrar sem que homem nenhum tenha se olhado no branco dos meus peitos.

MÃE

— Cale essa boca; que me importa isso?

NOIVA

— Porque eu fugi com o Outro, eu fui! (*Com angústia*) Você também teria ido. Eu era uma mulher ferida pelo fogo, cheia de chagas por dentro e por fora, e seu filho era um pouquinho de água, de quem eu esperava filhos, terra, saúde; mas o outro era um rio escuro, cheio de ramagens, de onde me chegava o sussurro dos juncos e um murmúrio abafado. E eu corria com seu filho, que era como um fiozinho de água fria, e o outro me mandava centenas de pássaros que me impediam de andar e derramavam orvalho nas minhas feridas de mulher fraca e abatida, de moça acariciada pelo fogo. Eu não queria, ouviu bem? Eu não queria! Seu filho era o meu fim, e eu não o traí, mas o braço do outro me arrastou como a correnteza do mar, como um coice, e teria me arrastado sempre, sempre, mesmo que eu fosse velha e todos os filhos do seu filho me agarrassem pelos cabelos!

(ENTRA UMA VIZINHA.)

MÃE

— Ela não tem culpa, nem eu! (*Sarcástica*) De quem é a culpa, então? Mulher fraca, sem brio e sem juízo e a que arranca uma grinalda de flores de laranjeira para ir atrás de um pedaço de cama esquentado por outra mulher!

NOIVA

— Nunca mais repita isso! Vingue-se de mim; estou pronta. Olhe o meu pescoço, é macio; vai dar menos trabalho que cortar uma dália do seu jardim. Mas o que disse, nunca! Honrada, honrada como uma menina recém-nascida. E forte o bastante para prová-lo. Acenda o fogo, e vamos botar as mãos: você, por seu filho; eu, por meu corpo. Vai tirar as suas antes.

(ENTRA OUTRA VIZINHA.)

MÃE

— Mas que me importa a sua honra? Que me importa a sua morte? Que me importa nada de nada? Benditos sejam os trigais, porque meus filhos estão debaixo deles; bendita seja a chuva, porque molha a cara dos mortos. Bendito seja Deus, que nos estende juntos para descansar.

(ENTRA OUTRA VIZINHA.)

NOIVA

— Deixe-me chorar com você.

MÃE

— Chore, sim. Mas lá na porta.

(ENTRA A MENINA. A NOIVA FICA NA PORTA. A MÃE, NO CENTRO DO PALCO.)

MULHER (*entrando e dirigindo-se para a esquerda*)

— Era bom cavaleiro
e agora é um monte de neve.
Corria feiras e montes

e braços de mulheres.
Agora, o musgo da noite é coroa em sua testa.

MÃE

— Girassol de sua mãe,
espelho desta terra.
Que ponham no seu peito
cruz de amargos espinhos;
um manto que o cubra
De reluzente seda;
e a água forme um pranto
entre suas mãos quietas.

MULHER

— Ai, há quatro rapazes
chegando de ombros cansados!

NOIVA

— Ai, que vêm quatro moços trazendo a morte pelo ar!

MÃE

— Vizinhas.

MENINA (*da porta*)

— Já chegaram.

MÃE

— Tanto faz.
A cruz, a cruz.

MULHERES

— Doces cravos,
doce cruz,
doce nome
de Jesus.

NOIVA

— Que esta cruz ampare a mortos e vivos.

MÃE

— Vizinhas: com uma faca,
com uma faquinha,
em um dia assinalado, duas ou três da manhã,
se mataram estes dois homens do amor.
Com uma faca,
com uma faquinha
que some dentro da mão,
mas que penetra bem fina
pelas carnes assombradas,
e que pára lá no abrigo
onde treme emaranhada
a obscura raiz do grito.

NOIVA

— E isto é só uma faca,
uma faquinha
que some dentro da mão;
peixe escamado e sem rio,
para que um dia assinalado, duas ou três da manhã,
com esta faquinha
dois homens fiquem caídos
com os lábios amarelos.

MÃE

— E some dentro da mão
mas como penetra fria
pelas carnes assombradas!
E pára ali, bem no abrigo
onde treme emaranhada
a obscura raiz do grito.

(AS VIZINHAS, AJOELHADAS NO CHÃO, CHORAM.)

CAI O PANO